

RODRIGUES, Luiz Fernando. O campineiro não é bem isso.
 Última Hora, Rio de Janeiro, 27 e 28 dez. 1975.

F. 1

O CAMPINEIRO NÃO É BEM ISSO

A brincadeira vem de muito tempo. De origem ignorada, ou pelo menos discutível, ganhou os programas humorísticos de televisão, as páginas dos jornais de humor, as piadas de rua e botequim, e até já apareceu em perguntas de vestibular. Mas foi com um quadrinho na revista "Mad", mês de novembro, que atingiu ares de importância nacional. O vereador Elyseo Guidotti, inconformado com "a fama indevida que paira sobre a masculinidade do laborioso povo campineiro" enviou moções aos ministros da Justiça e da Educação, protestando. O que há, por detrás da brincadeira com o laborioso povo campineiro? De vereador a senador, senhores, os campineiros em discussão!

A notícia chegou ao conhecimento do vereador Elyseo Guidotti através de um atento e escrupuloso defensor da moral e do bom nome da cidade:

— Doutor, estão querendo enxovalhar mais uma vez o nome de Campinas, os filhos de Campinas, os habitantes ordeiros e trabalhadores desta cidade que é uma glória do querido Brasil.

Tomado de espanto, o prestimoso vereador campineiro, que cumpre seu primeiro mandato, voltou-se todo ouvidos. Escarrapachou-se na cadeira do seu pequeno gabinete de trabalho, pediu que o correligionário prosseguisse:

— Pois é o seguinte, doutor Guidotti: uma revistinha dessas que não sabem como se promover, dessas que gostam do escândalo, do achaque, resolveu, em sua última edição, tecer considerações desairosas ao bom nome de Campinas, usando termos ofensivos — de baixo calão até — para assacar agressões contra este povo pacífico e ordeiro.

Incontinenti, o exaltado campineiro tirou de sua pasta tipo 007 um recorte em que a cidade era citada por ser berço de certa família a que pertenceria um dos personagens da história narrada em quadrinhos.

A indignação tomou conta também do vereador. Rubro de ira, gaguejando irreconhecíveis expressões de desgosto, não deixou que sua resposta demorasse:

— Descanse, bom homem. Ninguém pode ultrajar impunemente pais de família, cidadãos de reputação ilibada, patriotas exemplares. Não serão os responsáveis por essa réles publicação que denegrirão o berço de Carlos Gomes e de tantos e tantos vultos soberbos da história desta terra. Contra eles investiremos com a força da verdade, com a bandeira da moral e dos bons costumes.

E assim dizendo, saiu o vereador, esbarrando em cadeiras, bufando de indignação. E, entre surpreso e estarrecido, o plenário da Câmara Municipal de Campinas ouviu naquele mesmo dia (do mês de novembro) um dos mais inflamados discursos já pronunciados na Casa.

Além do vigoroso pronunciamento, o vereador Elyseo Guidotti enviava, 24 horas depois de tomar conhecimento da publicação "injuriosa" da revista MAD — edição de novembro, n.º 18 — moções de protesto ao Ministro da Justiça, Armando Falcão, e ao Ministro da Educação, Néi Braga, solicitando que as medidas cabíveis fossem tomadas. Campinas estava desagradada!

E o que parecia restringir-se a uma pequena tirada de humor, circulando entre os leitores da publicação, transformou-se em problema nacional.

O vereador e os pseudomachões

Elyseo Guidotti, filho e irmão de políticos, faz questão de afirmar a justeza de sua cruzada moralizadora, sem interesses escusos ou eleicoeiros:

Não me interessa a propaganda, a promoção. Comprei esta briga porque estavam enxovalhando o bom nome da cidade. No cenário da Nação brasileira, esta grande cidade elevou-se por suas coisas boas, seus vultos que deram muitas glórias à nacionalidade. Tenho a convicção que jamais um jornal ou revista ou qualquer meio de comunicação de Campinas tenha um dia humilhado ou diminuído com críticas ofensivas qualquer cidade, grande ou pequena, deste continente. Como vereador, representante de 1/19 da população da cidade — mais de 600 mil habitantes — não faço nenhum favor quando procuro defender nosso bom nome, pela moral deste povo, que não pode ser abalada em hipótese alguma e para isso se fez aqui uma Revolução moralizadora.

A firmeza do pronunciamento do vereador Guidotti, entretanto, parece não ter encontrado o eco esperado. Uma rápida pesquisa pela cidade encontrou certa indiferença, pouco caso até, pela "publicação injuriosa".

OS PSEUDOMACHÕES

Um dos que se mostrou surpreso com a polémica: Mayno, proprietário de um dos mais conhecidos salões de cabeleireiros de senhoras da cidade:

Não sei porque essa preocupação dos pseudomachões de outros lugares com os homens de Campinas. Moro aqui há muitos anos e, confesso, não tenho nada de que me queixar. Aliás, nem nasci em Campinas, sou natural de Jundiá e, além de ter desfilado várias vezes no Balle do Teatro João Caetano, no carnaval do Rio de Janeiro, ainda recentemente participei do concurso Miss Brasil Boneca e, modestia à parte, fiquei muito bem colocado. Acho que os machões do resto do Brasil têm inveja dos rapazes campineiros, todos uns "boas pintas". Audácia do bofe que vier dizer que a turma da minha cidade de adoção joga água fora da bacia. Sou, como já disse, da progressista cidade de Jundiá, mas me considero filho desta cidade maravilhosa que me recebeu de braços abertos. Estou inclusive, pensando em pedir à Câmara Municipal que me conceda o título de cidadão campineiro. E hei de conseguir, nem que tenha que apelar para o meu Pai de Santo. Saravá, Campinas!

ISSO FIXA A IMAGEM

Já o conhecido industrial campineiro Braz Soares Filho, deplora a manifestação do vereador:

Aqui em Campinas criamos o hábito de tratar com indiferença tudo o que se diz sobre nós, pois na maioria das vezes o que é dito vem movido pela inveja que esta cidade-progresso inspira. Mas isso de ficarmos bronqueados com as brincadeiras só presta pra fixar a imagem que tentam fazer da cidade. É como apelido, quanto mais nos incomodamos, mais ele se torna público, mais ele se impõe. Devemos tratar essa gozação com Campinas com a arma da indiferença, sem nos importarmos, sem que um assunto de pouca importância transpire até na Câmara dos Vereadores, que deveriam estar tratando de coisas mais sérias e urgentes.

Como tudo começou

Uma das versões do nascimento da lenda sobre a proliferação de homossexuais na cidade é contada, entre risos, pelos frequentadores do Tennis Club local:

— Parece que a coisa começou com um baile no Rio de Janeiro uma eleição de "Miss Boneca" em época de carnaval. Na entrevista que encerrava o concurso, a premiada com o 1.º lugar teria dito ser natural de Campinas, estando acompanhada de mais catorze travestis daquela cidade.

— Na semana seguinte, uma das revistas carlocas com circulação nacional estampava uma foto do concurso, onde apareciam, segundo a legenda, as "quinze de Campinas". Dias depois, Campinas recebia a visita do time de futebol do XV de Piracicaba, para uma partida pelo Campeonato Paulista. E uma das faixas trazidas pela torcida piracicabana dizia: "A torcida do XV de Piracicaba saúda as XV de Campinas".

— E parece que foi assim que tudo começou — afirma o médico João Carlos Rocha, nascido e criado na cidade:

— Mas essas brincadeiras não ferem os brios de ninguém. São, ao contrário, fonte de piadas gozadíssimas, de grandes brincadeiras. Acredito, como filho de Campinas, que o vereador Guidotti deveria se voltar para assuntos mais sérios, pra questões de relevância de uma cidade grande como a nossa. Afinal vereador não é pra se preocupar com coisas desse tipo."

A mesma opinião do médico é compartilhada pelo Juiz de Direito Geraldo Mendonça de Barros, filho do ex-prefeito da cidade e também advogado Mendonça de Barros. Geraldo, um dos juizes mais jovens do país, com 33 anos, lembra algumas curiosas passagens de sua vida profissional, que ilustram a universalidade da brincadeira com Campinas:

— Como promotor, e depois como Juiz de Direito, viajei muito por todo o Estado, sempre com o carro com chapas de Campinas. E era só parar num posto de gasolina, numa esquina de qualquer cidade e reparar nas risadas, nas gozações que faziam. É claro que elas paravam quando o pessoal via a plaqueta de identificação do Poder Judiciário. Mas acredito que essa brincadeira é inerente ao jeito de ser do brasileiro, uma manifestação típica do espírito brincalhão que temos. Criamos tipos curiosos, são conhecidas as gozações até a alguns presidentes da República, fizemos do português, do nortista, do gaúcho, motivos de brincadeira. É nossa maneira de ser, de encarar os que nos cercam, de levar a vida. Pelo que sei, a manifestação da revista não foi de muito bom gosto, mas o vereador deveria se insurgir contra coisas mais sérias, de sua real competência. Eu vejo como "falta do que fazer" um vereador se preocupar com brincadeiras desse tipo.

No fim do Campeonato...

Outra das versões sobre a "triste fama da cidade", segundo seus moradores, conta que ao final de um torneio esportivo realizado no Rio de Janeiro,

congregando seleções municipais, vários atletas de Campinas haviam conseguido se destacar. No entanto, ao receberem a premiação, insurgiram-se contra um dos presentes por questões ligadas à colocação dos atletas e foram fotografados por jornais e revistas exatamente quando, através de gestos, protestavam.

Logo as fotografias circulavam por todo o país, mostrando os atletas campineiros com ligeiras curvas nos antebraços, rapidamente interpretadas como "indícios nítidos de frescor", segundo um intelectual da terra.

Mas nada disso parece ferir os velhos e verdadeiros campineiros.

— Se o povo opta por certo tipo de humor, é seu direito, sua forma de expressão, — afirma o senador e ex-prefeito da cidade, Orestes Quêrcia:

— Quanto mais reagirmos, quanto mais o assunto for tratado com ares de respeito e seriedade, mais a cidade será alvo da brincadeira. As coisas devem ser colocadas nos seus lugares: isso é uma grande brincadeira, uma piada quase histórica e não pode provocar pedidos de mais censura, de maior coerção. Vamos discutir o sério e nos divertimos com o que é engraçado. E isso é engraçado.

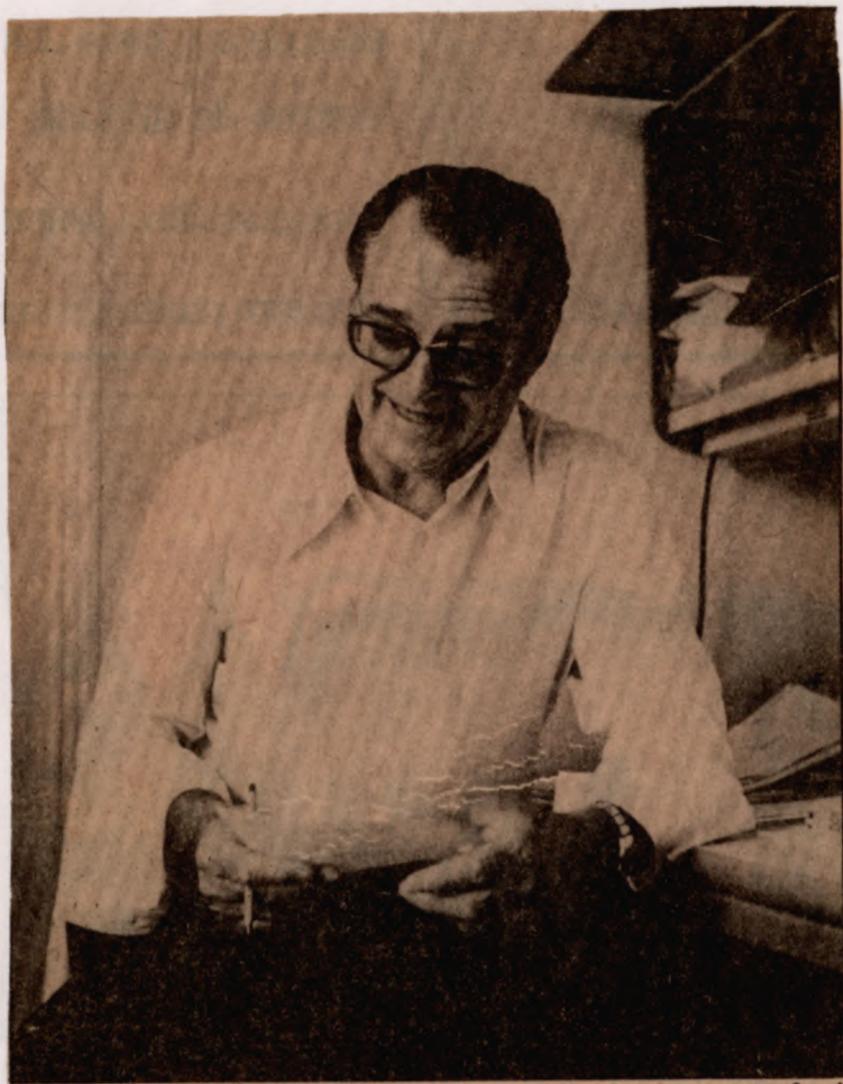
E a última palavra é a do historiador. Jolumá Brito, autor da "História da Cidade de Campinas", em 20 volumes, transcreve às folhas tantas, uma carta do bispado de Campinas, onde a cidade é descrita em sua forma primitiva:

"A planície é de um verde esfuizante. As andorinhas voam baixo, cantando e pousando uma a uma nas árvores frondosas e de grande majestade. Pode-se ver nitidamente os veadinhos pastando nos prados de relva fresca e tenra."

Reportagem de Luiz Fernando Rodriguez

RODRIGUES, Luiz Fernando. O campineiro não é bem isso.
Última Hora, Rio de Janeiro, 27 e 28 dez. 1975.

F.2



O vereador Elyseo Guidotti: "estavam enxovalhando o bom nome da cidade".

RODRIGUES, Luiz Fernando. O cartunista não é bem assim.
Última Hora, Rio de Janeiro, 27 e 28 dez. 1975.



Orestes Quercia: "uma piada não pode provocar pedidos de mais censura".